

IDEIAS

LIVROS

José Eduardo Franco

A "obsessão" pela Europa



OS DIAS DA PROSA
 Miguel Real

Por vinculação geográfica, mas sobretudo histórica, o conceito "Portugal", cortado da sua raiz europeia, é absolutamente incompreensível, senão delirante – é

o que torna evidente o novo livro de José Eduardo Franco (JEF), *A Europa ao Espelho de Portugal. Ideia(s) de Europa na Cultura Portuguesa*, com um lúcido prefácio de Carlos Fiolhais. Com este livro, JEF, a acrescentar ao seu o seu conhecido afã de historiador da cultura portuguesa, que o é de um modo eminente, prossegue o seu labor de revisor dos mitos fundadores da cultura portuguesa, teorizando novas soluções, subvertendo as antigas.

Permitimo-nos eleger as 15 páginas da "Introdução" como das melhores do livro, porque são elas que balizam a inversão historiográfica da ideia de Europa na cultura portuguesa, superando o criticismo e o decadentismo nacionais patentes em *Labirinto da Saudade*, de Eduardo Lourenço, publicado há 42 anos, mas prolongando também a análise de *Portugal na Queda da Europa*, de Viriato Soromenho-Marques, de 2014.

Pense-se na obra *Causas da Decadência...*, de 1871, e constate-se que, se Antero lê Portugal ao espelho da Europa, JEF lê "a

Europa ao espelho de Portugal", relacionando e entrosando as duas representações imagéticas. Ambos atribuem um valor eminentemente positivo à Europa, mas, ao contrário do pensador açoriano, JEF não atribui um valor negativo à relação histórica desta com Portugal, sublinhando aquela e diminuindo este.

Para Franco, nem Portugal nem a Europa se encontram em decadência, senão conjuntural e circunstancialmente, aliás a turbulência ideológica, religiosa, política e cultural faz parte integrante, quase ontológica, da Europa como continente-problema, "laboratório de ensaios, de representações e de inovações com impactos globais" (p. 17). Para o autor, na Europa atual reside a concretização histórica da "utopia" da modernidade e da contemporaneidade, resgatando, de certo modo, a *Respublica Cristiana* medieval, sendo esta a tentativa de continuidade da Pax Romana. Assim, sob e sobre as suas evoluções e involuções internas, a aparente fragmentação nacionalista e a bifurcação religiosa da modernidade e a revolucionária industrialização contemporânea, persiste uma continuidade espiritual de que resulta tanto o rosto histórica da Europa como a sua atual criação enquanto Comunidade Europeia.

É este o lastro de que se tece a Europa hoje, seja como "mito mobilizador da transformação política e das mentalidades"



A crescer ao seu o seu conhecido afã de historiador da cultura portuguesa, que o é de um modo eminente, José Eduardo Franco prossegue o seu labor de revisor dos mitos fundadores da cultura portuguesa, teorizando novas soluções, subvertendo as antigas

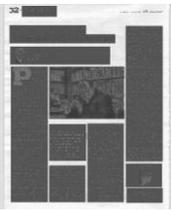
(p. 29), seja como “projeto-utopia, consubstanciado na atual União Europeia” (p. 23), “uma utopia pacifista” (p. 20), que, porém, como utopia realizada, gera insatisfações, fragilidades: é pela “não coincidência entre a utopia praticada e a utopia sonhada” que “brota a desilusão, o desengano e o descontentamento” (p. 21), impulsionados pelos “mercados [financeiros], estes ‘bárbaros’ globais, que estão por todo o lado e em lado nenhum” (p. 23). Como utopia “realista”, o futuro da Europa, segundo JEF, só se firmará se aplicar a si própria “uma mitologia nacionalizante”: “a mitificação das origens, a narração épica de uma epopeia comum, a circunscrição de uma idade de ouro-idade de referência e a pregação de uma teleolo-

gia” (p. 24). Lição da história de Portugal, esta a narrativa que falta hoje à Europa.

DESDE A SUA FORMAÇÃO, PORTUGAL faz parte intrínseca dos destinos europeus, seja como parte ativa das Cruzadas Ocidentais, seja integrando o jogo diplomático entre as nações emergentes (sobretudo por via de casamentos régios). Porém, desde D. João I, cantado por Fernão Lopes, “os portugueses começam a entender-se como uma espécie de povo eleito da Nova Aliança, um novo Israel, destinado a vencer os inimigos de Cristo” (p. 34), corroborado em 150 anos pela criação do Império Marítimo Português, “um dos maiores enigmas da história” (p. 37, *apud* John H. Plumb).

A Modernidade é, de certo modo, efeito da “protoglobalização” criada pelos dois impérios peninsulares, pelo encontro com o “outro” ultramarino, pela “secularização” (pp. 43-44) das instituições políticas e pelo “humanismo experiencialista”, fermento da revolução científica do século XVII. Virada para o exterior, dividida interiormente, a Europa moderna nasce, assim, sobre as ruínas da “Cristandade” medieval, gerando diferentes padrões de comportamento, mais urbanos, mais mercantilistas, mais científicos, mais inspirados no classicismo, mais nacionalistas, menos religiosos. Nenhum outro povo europeu podia viver estes tempos com maior exaltação (uma “autopercepção exaltante”, p. 54) que o português.

Carreando e registando informações sobre a totalidade geográfica do mundo (pp. 59-63), considera-se, por vontade de



Data: 29.07.2020

Título: A "obsessão" pela Europa

Pub:

JL

Tipo: Jornal Nacional Quinzenal

Secção: Nacional

Pág: 32



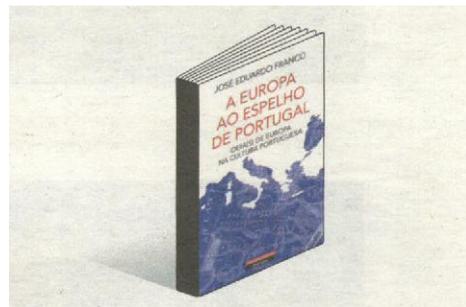
Deus, pioneiro na elevação da “fronteira de descontinuidade entre a Europa medieval e a Europa moderna” (p. 55), retendo em si, humanisticamente, o melhor da medievalidade (a universalidade da mensagem cristã) e o melhor da modernidade (a superação da divisão da igreja através do mito do Quinto Império). A Europa torna-se um labirinto de ideias e projetos, e Portugal, com o Padre António Vieira tenta superar a “a percepção dual e fratura” (p. 77) de uma Europa (cisonista, decadente) através da construção de uma Cristandade universal (p. 79), justamente designada por Quinto Império. Para Vieira, não é Portugal que se encontra em decadência, mas a Europa.

O justo contrário do que, menos de um século depois, pensa o Marquês de Pombal, que faz da Europa Central filosófica, política, comercial, científica, pedagógica (mas não da religiosa) a luz e o íman que deve guiar Portugal. É um dos melhores capítulos do livro, enunciando os diversos traumas ideológicos com que nasce a contemporaneidade portuguesa (ainda hoje patentes, húmus do qual nasce a visão decadentista de Portugal da Geração de 70, que a I República acompanha, gerando, como reação dialética, a visão imperial de Portugal do Estado Novo) da qual só agora estamos a sair, que este livro de JFE, de certo modo, constitui a certidão de óbito.

De realçar igualmente o capítulo relativo à visão de uma Europa federada e unida de Magalhães Lima, grão-mestre do Grande Oriente Lusitano, e a visão do Padre Manuel Antunes, evidenciando a continuidade de pensamento deste com a tradição jesuítica (a tradição universalista de abertura ao Outro), mas também a singularizando por via dos conceitos de “mundialização/mundialismo” (pp. 222-229) e dos conceitos de “nação europeia” (pp. 232-235) e de “povos

mediadores” (p. 246), nos quais se integraria Portugal. Finda o livro com uma sùmula do pensamento de Eduardo Lourenço sobre a Europa e outra sobre a ideia da Europa do Leste (antes e depois da queda do Muro de Berlim).

Num último texto, à laia de conclusão, mas intrinsecamente ligado à Introdução, José Eduardo Franco, cruzando mito e história, desejo/sonho e realidade, opera em quatro páginas um dos mais brilhantes textos que conhecemos sobre a nossa relação traumática de meio milénio com a Europa, ora de vanguarda, ora de servilismo, mas sempre “obsessiva”, isto é, de carácter traumático. Não as sintetizamos para que o leitor, virgem da sua leitura, possa partilhar do encanto de que tanto eu como o pensador Manuel Sérgio (em texto inédito) fomos tomados quando as lemos. O leitor pode, mesmo, começar pelo fim, saltar para a Introdução e depois iniciar a sequência dos capítulos. ■



> José Eduardo Franco
A EUROPA AO ESPELHO DE PORTUGAL. IDEIA(S) DE EUROPA NA CULTURA PORTUGUESA
 Temas e Debates, 288 pp., 16,60 euros.

Área: 704cm² / 83%

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6906710